



## Ciberextensão<sup>1</sup>

Angelo Brás Fernandes CALLOU<sup>2</sup>  
Universidade Federal Rural de Pernambuco

### RESUMO

Neste texto retomamos as reflexões sobre a Extensão Rural no universo cibercultural, considerando os avanços desenvolvidos no plano teórico-metodológico da educação e suas relações com as novas tecnologias de informação e comunicação. Em seguida, recomendamos categorias de análise aos estudos em ciberextensão. Partimos de autores que defendem a noção de cibercultura como instância de socialização para discutir a Extensão Rural e suas propostas de inclusão digital nos contextos populares rurais.

**PALAVRAS-CHAVE:** comunicação; tecnologias; ciberextensão.

### Introdução

Apresento neste texto minhas principais preocupações no âmbito da Comunicação Rural/Extensão Rural e era tecnológica nos anos 1990 e início dos anos 2000, bem como as razões da retomada desse tema quinze anos depois.<sup>3</sup> Mais do que uma revisão de um percurso trilhado, procuro organizar – ainda que de maneira preliminar – algumas estratégias teórico-metodológicas para o desenvolvimento de pesquisas no campo da Extensão Rural e Cibercultura.<sup>4</sup> Centrei minha atenção naqueles autores que poderão me

---

1 Trabalho apresentado no GP Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

2 Professor titular da Universidade Federal Rural de Pernambuco, doutor em Ciências da Comunicação e vice-coordenador do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (Posmex) da UFRPE. [abcallou@gmail.com](mailto:abcallou@gmail.com)

3 Este texto é uma versão modificada do relatório apresentado à Universidade Federal Rural de Pernambuco como resultado das atividades de professor em Licença Capacitação, desenvolvidas no curso Comunicação, Educação e Cibercultura: Novos Horizontes da Formação Humana na Sociedade Digital, ministrado pela professora Michelle Prazeres, na Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC/SP), em 2010.

4 Coloco aqui os termos Comunicação Rural e Extensão Rural como similares. Depois da publicação, no Chile, em 1969, do livro de Paulo Freire *Extensão ou*

ajudar a remontar o projeto de pesquisa acima mencionado, que passarei a chamar agora de *ciberextensão*.

Em 1999, publiquei um artigo intitulado Comunicação Rural e Era Tecnológica: Tema de Abertura (CALLOU, 1999). Nele consta a justificativa que norteou a criação do projeto de pesquisa em Comunicação Rural e Era tecnológica, no então Programa de Pós-Graduação em Comunicação Rural e Administração Rural da UFRPE.<sup>5</sup> Uma das questões levantadas nesse artigo diz respeito ao lugar ocupado pelas populações rurais numa sociedade marcada e estruturada pelas tecnologias de informação e comunicação. As bases teóricas de sustentação são, de um lado, os temas tratados no Projeto Nova Teoria da Comunicação (NTC), desenvolvido pelo professor Ciro Marcondes Filho, na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.<sup>6</sup>

Minha participação nos cursos do professor Marcondes Filho, no início dos anos 1990, bem como no projeto NTC, levou-me a refletir sobre os impactos das novas tecnologias de informação e comunicação no cotidiano rural. Eu concordava com o pressuposto de Marcondes de que a introdução das tecnologias eletrônicas e informatizadas na sociedade urbana contemporânea é uma forma *sui generis* de introdução tecnológica. Era

---

*Comunicação?*, o verbete mais apropriado seria Comunicação Rural. Tendo em vista que a maioria das universidades brasileiras e estrangeiras mantém o termo Extensão Rural nas suas matrizes curriculares, de graduação e pós-graduação, opto aqui por essa nomenclatura. Extensão Rural hoje é compreendida como o esforço das organizações governamentais e não governamentais para promover o desenvolvimento local sustentável dos contextos populares do meio rural, mediante atividades agrícolas e não agrícolas.

5 Esse mestrado foi extinto em 2000 e transformou-se no Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local e no Programa de Pós-Graduação Administração Rural e Desenvolvimento Rural, em 2004 e 2002, respectivamente.

6 O Projeto de Pesquisa Nova Teoria da Comunicação foi elaborado pelo Centro de Estudos e Pesquisas em Novas Tecnologias, Comunicação e Cultura – NTC/SP, com sede na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. O Projeto se desenvolveu por meio de uma série de debates, cursos e pesquisas, com o objetivo de consolidar “um novo referencial teórico que dê conta do quadro que envolve os processos de comunicação na sociedade contemporânea” (MARCONDES FILHO apud CALLOU, 2000). O Projeto partiu de uma crítica radical às teorias de comunicação estabelecidas, por considerá-las desatualizadas diante dos acontecimentos gerados pelo crescimento das novas tecnologias de comunicação. O resultado dessa experiência está refletido, principalmente, na revista *Atrator Estranho* e no livro *Pensar-pulsar: cultura comunicacional, tecnologias, velocidade*, coordenado por Ciro Marcondes Filho (CALLOU, 2000). O NTC foi extinto em meados dos anos 2000. Atualmente, o projeto Nova Teoria da Comunicação se desenvolve, sob novas bases, no FiloCom (<http://www.eca.usp.br/nucleos/filocom/home.html>).

indefensável, portanto, a ideia da introdução dessas tecnologias no meio rural como aquela propalada pela teoria da Difusão de Inovações, de Everett Rogers, utilizada largamente pela Extensão Rural no Brasil, e em muitos outros países, como estratégia para modernizar a agricultura e desenvolver o meio rural. Isto porque o modelo estava alheio aos vetores que sustentam essa espécie de difusão *high-tech* no meio rural (CALLOU, 2000b).

De outro lado, a sustentação teórica para criação desse projeto de pesquisa se apoiava nas contribuições do Projeto Rurbano, de José Graziano da Silva e sua equipe, na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). A concepção de meio rural desenvolvida a partir dos resultados desse projeto reafirmava a importância de se pensar a Extensão Rural para além do escopo tradicional dessa atividade no Brasil. Vale a pena reproduzir a citação a seguir, apesar de longa, pois ela dá conta da nova visão dos pesquisadores pós-paulofreirianos da Extensão Rural. Diz Graziano:

É preciso ampliar essa velha noção de rural para além das atividades produtivas tradicionais (tais como culturas e criação de animais) e incluir no espaço agrário a produção de serviços (tais como lazer, turismo, preservação do meio ambiente etc.) e de bens não agrícolas como, por exemplo, moradia e artesanato, incluídas aí também as formas modernas de trabalho em domicílio, tão comuns nos países desenvolvidos. A nova e esperada onda de modernização no campo assentada na informática, na microeletrônica e na biotecnologia deverá ser ainda mais excludente que suas anteriores. (...) As evidências empíricas disponíveis no caso brasileiro indicam que as melhorias das condições de vida e trabalho das populações rurais estão muito mais relacionadas com o nível de urbanização do que com o grau de desenvolvimento tecnológico alcançado pelas atividades agropecuárias de uma região (1993, p. 11).

Foi esse conjunto de elementos teóricos que determinou, em 1995, a criação do projeto de pesquisa Comunicação Rural e Era Tecnológica, cujo objetivo era estudar os impactos das novas tecnologias de informação e comunicação no cotidiano rural. Vinha na esteira, portanto, do projeto Nova Teoria da Comunicação, por meio do seu núcleo NTC-Recife,<sup>7</sup> articulado à Rede NTC. O que este projeto de pesquisa pretendia, em última instância, era repensar em outras bases teóricas a Comunicação Rural para melhor atuar entre as populações rurais que vivem de atividades agrícolas e não agrícolas no território agrário.

Os primeiros resultados alcançados dos estudos do NTC-Recife sinalizavam algumas dificuldades de ordem teórico-metodológica para avançar pesquisas no nível

---

<sup>7</sup> O NTC-Recife foi criado no extinto Programa de Pós-Graduação em Administração Rural e Comunicação Rural da UFRPE. Nele se criaram os cadernos *Fractais* para divulgação da produção acadêmica de seus professores e alunos. Atualmente, os *Fractais* estão sendo reestruturados.

empírico (CABRAL, 1996; CALLOU, 1996; PASSOS, 1998; SPENILLO, 1998a; SPENILLO, 1998b; SOUZA, 2000; NEVES, 2000). De um lado, os alunos de pós-graduação, matriculados na disciplina ligada ao Projeto, e mesmo os pesquisadores envolvidos no GT Comunicação Rural da Intercom, entre 1995-2000, resistiam, por assim dizer, naquela época, a pensar o meio rural a partir de referências consideradas pós-modernas. Tais referências se contrapunham, substancialmente, ao que era atribuído no terreno da modernidade, particularmente nas dimensões sociais e culturais. O impacto das tecnologias eletrônicas e informatizadas, portanto, estava ligado, segundo eles, às grandes metrópoles. Assim, autores como David Harvey, Jean Baudrillard, Paul Virilio, Fredric Jameson, Jean-François Lyotard, entre outros, aliados à produção acadêmica desenvolvida pelo NTC-São Paulo, eram vistos, nesses fóruns, como distantes da realidade rural, sobretudo da realidade rural brasileira. Nesse sentido, é interessante observar que, ainda hoje, se requer o desenvolvimento da crítica no campo da comunicação e cibercultura, como defende Trivinho (2001) em sua “necessidade da crítica,” como veremos mais adiante.

Por outro lado, a produção acadêmica que dizia respeito aos impactos das novas tecnologias de informação e comunicação na sociedade contemporânea não sinalizava, ainda, para categorias de análise operacionalizáveis no plano empírico da pesquisa. Aspecto que dificultava a criação de uma ponte para os estudos de Extensão Rural. Com efeito, mais distantes das realidades estudadas.

Embora houvesse algum interesse do NTC-Recife em trabalhar nessa direção teórico-metodológica no campo da Extensão Rural, a dissolução do NTC-São Paulo e, em seguida, o desdobramento do Programa de Pós-Graduação em Administração Rural e Comunicação Rural da UFRPE (onde estava abrigado o NTC-Recife), em dois programas de pós-graduação (Extensão Rural e Desenvolvimento Local e Administração Rural e Desenvolvimento Rural), acabou por dispersar meu interesse e o do grupo em torno daquele projeto de pesquisa.

De lá para cá, *pari passu* à expansão das novas tecnologias de informação e comunicação, o que se observou, no Brasil, foi um avanço considerável dos estudos sobre o papel dos meios eletrônicos e informatizados, não apenas no campo da Comunicação em geral e da Comunicação Rural em particular, mas também em áreas diversas do conhecimento. Os pontos de contato com essas mídias se transformaram numa espécie de *presente perpétuo* pós-moderno, para usar a expressão de Jameson, na esfera acadêmica, familiar, escolar, médica, do direito, artística, cultural, social. Agora, e finalmente, parece que experimentamos um sentimento de estar todos em um mesmo barco: o da cibercultura.

Trato, portanto, de retomar o tema da Extensão Rural dentro do universo cibercultural, considerando os avanços desenvolvidos no plano teórico-metodológico da Educação e sua relação com as novas tecnologias de informação e comunicação – campos de interesse da Extensão Rural –, para, em seguida, propor algumas categorias de análise para os estudos de ciberextensão.

### **Apontamentos de leituras e ciberextensão**

Os autores aqui considerados, que dão o tom ou criam um Lugar Sociológico para a abordagem dos grandes temas, dizem respeito aos processos de socialização. Aspecto fundamental para discutir, mais adiante, a interdependência entre cibercultura e educação. O primeiro deles, *A Promessa*, de Mills (1964), trabalha a noção de Consciência Falsa dos indivíduos sobre suas posições sociais. Esse tipo de consciência é criado, segundo o autor, em função da agitação do cotidiano das pessoas, que as impede de compreender o seu lugar no cenário histórico mais amplo (MILLS, p. 11). Nesse sentido, acena com a Imaginação Sociológica, como estratégia para capacitar as pessoas a compreender esse cenário em que estão inseridas. Para Mills, são três as perguntas principais (que se desdobram em várias outras), que devem ser feitas para desenvolver a Imaginação Sociológica: 1) Qual a estrutura dessa sociedade como um todo? (componentes fundamentais e suas inter-relações); 2) Qual a posição dessa sociedade na história humana? (suas diferenças, similaridades e especificidades na história das sociedades); e 3) Que variedades de homens predominam nessa sociedade e nesse período? (isso em relação à conduta, caráter, natureza pessoal etc., dos indivíduos) (p. 13).

Dentro das preocupações teórico-metodológicas que abordei na introdução deste trabalho, podemos dizer que a Imaginação Sociológica de Mills oferece pistas metodológicas interessantes para abordar não apenas a educação na cibercultura, mas também outras instâncias socializadoras, a exemplo da Extensão Rural, no seu papel de disciplina universitária e de ação pública no meio rural. Isto porque, para esse autor, não importa que tipo de objeto seja analisado – literatura, família, religião, escola –, pois, para ele, a imaginação sociológica

é a capacidade de passar de uma perspectiva a outra: da política para a psicologia; do exame de uma única família para a análise comparativa dos orçamentos nacionais do mundo; da escola teológica para a estrutura militar; de considerações de uma indústria petrolífera para os estudos da poesia contemporânea. É a capacidade de ir das mais impessoais e remotas transformações para as características mais íntimas do ser humano – e ver as relações entre as duas (p. 13).

Outra passagem do texto de Mills que considero interessante do ponto vista teórico-metodológico, para uma abordagem da relação entre Extensão Rural e cibercultura e, evidentemente, da educação com os *media*, é a análise das questões de ordem pública e individual. Neste sentido, o autor pergunta quais são os valores aceitos e os que estão sob ameaça (p. 17). Para isso, discute os conceitos de Indiferença (indivíduos sem consciência dos “valores aceitos nem de nenhuma ameaça”), Apatia (quando o acima citado envolve todos os indivíduos) e Inquietação (indivíduos sem valores estimados, mas que sentem alguma forma de ameaça) (p. 17-18). Mills sintetiza, dizendo que a sociedade é Indiferente e Inquieta e que os indivíduos não formularam, ainda, os valores ameaçados. Isto é, não têm consciência de sua situação. Noutras palavras, não têm, por conceito, Imaginação Sociológica (p.18-19). Embora considere a perspectiva analítica de Mills estratégica para pensar o lugar da Extensão Rural, nas suas relações com as novas tecnologias de informação e comunicação, há que se escolher ou construir, a meu ver, caso se parta deste lugar um conceito de cibercultura que se coloca à margem das discussões travadas nos estudos pós-modernos da Comunicação, ou no Projeto Nova Teoria da Comunicação, às quais me referi na introdução deste trabalho. Para alguns autores, a aceleração e expansão das tecnologias do virtual nas sociedades contemporâneas acabaram por desbancar os metarrelatos da modernidade (JAMESON, 1985). Tomada ao pé da letra a promessa de Mills, escrita em 1959, parece mais promissora para uma análise da cibercultura no âmbito da modernidade, até mesmo na versão mais “avançada” de Giddens (1991).<sup>8</sup> As opções de

---

8 Giddens, na introdução do seu livro *As consequências da modernidade*, se propõe a realizar uma análise institucional da modernidade, particularmente nos aspectos culturais e epistemológicos. Define a modernidade como um “...estilo, costume de vida ou de organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência” (p. 1). A partir daí, dialoga com autores que defendem uma nova era, a pós-modernidade, em especial Jean-François Lyotard, um dos precursores dessa discussão (p. 2). Giddens afirma que permanecemos, ainda, na modernidade, mas num período das suas consequências. Isto é, a radicalização e a universalização do seu processo. Neste sentido, argumenta que devemos “dar conta do extremo dinamismo e do escopo globalizante das instituições modernas e explicar a natureza de suas descontinuidades em relação às culturas tradicionais” (p. 25). Este dinamismo, diz ele, é oriundo da “separação do tempo e do espaço,” (abordado na vertente pós-moderna por Harvey, 1989, mas não mencionado no seu texto); do “desencaixe dos sistemas sociais” e da “ordenação e reordenação reflexiva das relações sociais” (p. 25). É interessante a discussão que Giddens trava, no âmbito da sua concepção de modernidade, as noções de “fichas simbólicas” (o dinheiro, o poder, a linguagem etc.) e de “sistema de peritos” (confiança depositada nos profissionais que são responsáveis pela gestão da vida material e social, a aviação, por exemplo) no âmbito do desencaixe dos sistemas sociais (p. 30-43). Isto é, o “deslocamento” das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espaço” (p. 29). O mais

Indiferença e Inquietação trazidas pelo autor na discussão da Imaginação Sociológica parecem, nessa perspectiva, ainda muito atuais, se considerarmos, sobretudo, as perturbações promovidas na sociedade atual pelas tecnologias de informação e comunicação, principalmente no que diz respeito à relação entre indivíduo e sociedade. Os conceitos de Indiferença e Inquietação se apresentam, portanto, como de importante utilidade analítica, sobretudo quando pensamos a relação entre Extensão Rural e cibercultura.

Os textos analisados, na sua grande maioria, parecem comungar, por assim dizer, de uma concepção de cibercultura que não rompe com as dimensões sociais e culturais da modernidade. Exceção deve ser feita, principalmente, aos textos de Trivinho (2001; 2006) e Santos (2003). Estes pesquisadores dialogam com autores, a exemplo de Paul Virilio, Gianni Vattimo, Fredric Jameson e Jeremy Rifkin, que veem as modificações operadas pelas tecnologias de informação e comunicação no cotidiano, na economia, nas estruturas de poder, na subjetividade, na ciência, na moral, na arte, como rupturas com a modernidade. O texto de Giddens (1991), como já pontuamos, também dialoga com a vertente pós-moderna, mas para reafirmar sua concepção de modernidade.

Seja como for, são inegáveis as contribuições desses textos para pensar o papel das tecnologias de informação e comunicação na sociedade contemporânea. Para trilhar esse caminho, sobretudo quando está em discussão a relação entre cibercultura e educação, e, por dedução, entre cibercultura e Extensão Rural, o conceito de socialização se tornou fundamental. Pois a Extensão Rural, como intervenção pública para o desenvolvimento de contextos populares desfavorecidos, juntamente com outras instâncias socializadoras, a exemplo da família e, como veremos, das mídias, assume, a meu ver, nos processos de socialização, um caráter de interdependência, tal como defende Setton (2002; 2010) no campo da educação e da cibercultura. É neste sentido que o texto de Berger e Luckmann (1983), *A sociedade como realidade objetiva*, abre caminho para se pensar o conceito de

---

destacável, a meu ver, no texto de Giddens, é a noção de flexibilidade na modernidade. Isto é, “A produção de conhecimento sistemático sobre a vida social torna-se integrante da reprodução do sistema, deslocando a vida social da fixidez da tradição” (p. 58-59). Põe *sub judice*, portanto, a permanência ou fixidez das culturas tradicionais na dinâmica da modernidade, na sua fase mais radical. Talvez esteja aí implícita a noção de hibrididade cultural de que trata Canclini (1989). Diante destes comentários, podemos dizer que Ortiz (2006) dialoga com Giddens, embora não o referencie, tanto nos aspectos do desencaixe, quanto no da flexibilidade do conhecimento.

socialização na sociedade atual. Para os fins deste trabalho, é importante reter dois aspectos do texto: a “socialização primária” e a “socialização secundária.”

Dizem os autores que, na socialização primária, são os adultos que ditam as regras de socialização: “Temos de nos arranjar com os pais que o destino nos deu” (BERGER; LUCKMANN, p. 180). Isto significa dizer, segundo os autores, que as crianças interiorizam o mundo dos outros como sendo “o único mundo existente e concebível...” (p. 180). Daí a importância da família (em suas diferentes formas de configuração contemporânea) como uma das instâncias importantes da socialização do indivíduo. Não é a única, nem a mais importante, e com conotações muito diversas em termos de interiorização dos conteúdos dessa socialização. Aspecto que está a depender da sociedade na qual estão inseridos os indivíduos (p. 180).

Na socialização secundária, ao contrário, “é a interiorização de ‘submundos’ institucionais ou baseados em instituições. A extensão e o caráter destes são, portanto, determinados pela complexidade da divisão do trabalho e a concomitante distribuição social do conhecimento” (p. 184). Dizem os autores, que a socialização secundária em termos formais é originada, em grande medida, pela socialização precedente. Isto é, a socialização primária. Nestes termos, é ela – a socialização primária – que vai determinar o grau de complexidade de socialização secundária, pois nesta instância de socialização (a escola, a religião, o trabalho etc.) se contrapõem, em termos de conteúdos propostos, ao que foi interiorizado na socialização primária (p. 184).

Ora, isso sugere que as diferentes instâncias de socialização não podem ser consideradas estanques e independentes. Na verdade, são na complexidade e na dependência das diferentes instâncias de socialização, tratadas por Berger e Luckmann (1983) como primária e secundária (ou como indivíduo e sociedade, se quisermos estabelecer uma conexão entre estes autores e Mills), que residem uma das possibilidades de compreender o papel das mídias na sociedade contemporânea.

É nessa pegada que se desenvolve, no campo da educação, portanto num terreno próximo à Extensão Rural, o trabalho de Setton. (<http://migre.me/tjyu>). No texto *A noção de socialização na sociologia contemporânea*: um ensaio teórico, a autora discute a imaginação sociológica e a noção de indivíduo e sociedade nos processos de socialização, embora não se refira, explicitamente, a Berger e Luckmann, nem a Mills. Essa discussão se realiza a partir de uma retrospectiva dos principais sociólogos da educação, particularmente franceses, em torno desses conceitos sociológicos. Mas numa perspectiva, diria, mais avançada, em relação a Berger, Luckmann e Mills. Ou seja, configura a relação indivíduo e

sociedade fora das abordagens dialéticas da sociologia tradicional. Em outras palavras, Setton defende uma relação dialógica entre essas instâncias. Para isso, lança mão do conceito de “*habitus* híbrido” e concebe a socialização como um “fato social total.” Ancora-se, portanto, em Pierre Bourdieu e Marcel Mauss, nesse processo que ela chama de “compreensão atualizada da noção de socialização” (p. 2).

Dessa retrospectiva desenvolvida por Setton, vale a pena explicitar a compreensão que tem do indivíduo na sociedade contemporânea. Isto é, a de um indivíduo híbrido. Nesse sentido, expressa a visão de Martuccelli, na qual se espelha. Diz ela: “a multiplicidade de referências identitárias que circundam os indivíduos e a possibilidade de construção de *habitus* híbridos (...)” ocorre na medida em que “o caminho socializador não é nem linear ou único, a identidade dos indivíduos é fruto de uma superposição e da coexistência de diferentes tradições (MARTUCCELLI apud SETTON, <http://migre.me/tjyu>, p. 7). Isto significa dizer que os indivíduos não se submetem a nenhum ditame identitário. Na verdade,

ele negocia, ou no dizer de Dubet apud Setton, “ele tem como tarefa articular lógicas de ação, lógicas que o ligam a cada uma das dimensões de um sistema” (DUBET apud SETTON, p. 9).<sup>9</sup>

---

9 No que diz respeito à socialização como “fato social total,” é interessante a discussão que Setton desenvolve em *A socialização como fato social total*: notas introdutórias sobre a teoria do *habitus*. Em virtude da importância que assumiu para mim este texto, sobretudo no que tange às críticas de Bernard Lahire à noção de *habitus*, de Pierre Bourdieu, faço aqui breves comentários para tornar mais explícita a noção da autora da socialização como *fato social total*. Por outro lado, as críticas de Lahire a Bourdieu, tão bem recapturadas por Setton, nesse texto, mas que não a fazem abrir mão da perspectiva bourdieusiana, provocaram em mim enorme curiosidade. Sobretudo, porque parece abrir uma fresta para pensar, talvez, a cibercultura e a Extensão Rural (ou outras instâncias socializadoras), numa vertente mais próxima da Nova Teoria da Comunicação e da visão de cibercultura de Trivinho (2001). Particularmente, quando Lahire se refere ao “ator plural.” Assim, descreve Setton numa das passagens críticas abordadas por esse sociólogo francês: “... por não ocupar posições semelhantes em todos os espaços, vivem-se experiências contraditórias. Um *ator plural* é, então, produto de experiências – cada vez mais precoces – de socialização em contextos sociais múltiplos e heterogêneos. Pertence simultânea e sucessivamente, no curso de sua trajetória, a universos sociais variados, ocupando posições diferentes. Em síntese, todo indivíduo exposto a uma pluralidade de mundos sociais se submete aos princípios de socialização heterogêneos e, às vezes, contraditórios e, em sendo assim, não responderia ou agiria segundo um sistema único de disposições de *habitus*” (p. 300). Sobre a importância Bernard Lahire na sociologia contemporânea, vide Setton (2004).

Nesse sentido, a proposição conceitual de Setton, em termos da socialização, parece estar para além da visão de Berger e Luckmann e também de Mills, na medida em que enxerga a socialização fora da delimitação tradicional das instituições, como a família, a escola, a religião, o trabalho e, na atualidade, as mídias. Isto é, pensa a socialização a partir de experiências híbridas, considerando as “formas tensas, heterogêneas, complexas, contraditórias e não unitárias” que os indivíduos vivem no mundo contemporâneo (p. 15).

Essa mesma abordagem vai aparecer de maneira mais específica em outro texto de Setton (2010), intitulado *Mídia: uma nova matriz de cultura*. Na verdade, a autora reafirma a noção de socialização acima explicitada, entretanto, está mais interessada em reunir as mídias às instâncias de socialização, como a família e a escola. Para ela, as mídias têm uma função educativa na atualidade. Diz Setton: “as mídias, como educadoras da modernidade (...), transmitem mensagens contribuindo para a formação das identidades de todos. Elas e as escolas, ao mesmo tempo, como outras instituições socializadoras, procuram valorizar ou condenar certos comportamentos e regras” (p. 15).<sup>10</sup> O papel das mídias dentro da sua visão de socialização não está vinculado, *stricto sensu*, como ela mesma pontua, à questão ideológica.

O que é importante salientar nesse texto de Setton é, de um lado, a apropriação de um novo conceito de socialização para dar conta da interdependência existente entre as diferentes esferas da socialização contemporânea, entre elas as mídias; e, de outro, a proposição de uma estratégia metodológica, a partir dos estudos de recepção, pautada, sobretudo, em Martín-Barbero (1995) e Orozco (1997). Em síntese, o texto da autora é, em última instância, um chamamento aos pesquisadores da educação e, por tabela, arrisco propor, da Extensão Rural, para pensar as mídias para além de meros artefatos pedagógicos, extensionistas e/ou instrumentos ideológicos. Essas possibilidades podem, também, ser utilizadas como pontos de partida para o desenvolvimento de pesquisa empírica em relação ao binômio educação-cibercultura. No nosso caso, à Extensão Rural-cibercultura, ou, simplesmente, à ciberextensão.

Uma vez configurada a noção mais contemporânea de socialização e o papel da escola como instância interdependente às demais instâncias socializadoras, entre elas as mídias, convém apresentar alguns aspectos do conceito de cibercultura de Trivinho (2001). Isto porque as noções que aborda dentro do universo cibercultural e as hipóteses que levanta

---

<sup>10</sup> Para uma leitura sobre as mídias na educação, inclusive na educação a distância, vide Belloni (2005), Almeida (2003) e Orozco (2007). Vide, também, Modé e Prazeres (2009), no que diz respeito à influência e ao papel dos meios de comunicação na sociedade atual.

tencionam, a meu ver, a literatura estudada, especialmente aquela referente ao campo educacional e sua relação com as tecnologias de informação e comunicação. Por outro lado, sintetizar algumas das suas preocupações, ainda que de maneira bastante abreviada, abre uma possibilidade para se estudar a Extensão Rural como instância também de socialização no meio rural e sua relação com as mídias eletrônicas e informatizadas. Mídias essas hoje disseminadas não apenas nas escolas rurais, mas também nas “*lan houses* rurais,” nas associações de agricultores familiares, nas colônias de pescadores, nas cooperativas, nos projetos de inclusão digital dos governos e ONGs, em espaços domiciliares dos contextos populares.

Trivinho (2001) conceitua a cibercultura para além da concepção dos objetos, processos e comportamentos relacionados a artefatos infotecnológicos. Para ele, a cibercultura só poderá ser compreendida se tomada em seu caráter mais antropológico e político do que sociológico. Isto é, “como um quase-sinônimo propriamente de sociedade ou de organização social” (p. 211). Em outras palavras, estamos todos assentados sob a mesma configuração cibercultural. Assim, podemos dizer que tanto os que têm acesso aos objetos infotecnológicos e os que estão excluídos desse acesso fazem parte do quase-sinônimo de sociedade. Nestes termos, arrisco dizer, que a cibercultura não pode ser uma instância ou matriz socializadora – culturas das mídias –, como defende Setton. Assim, é de se perguntar: faremos escolhas entre uma e outra visão, ou indagamos sobre a possibilidade de uma mediação teórico-metodológica entre essas duas vertentes, já que partem de lugares ou compreensões distintas sobre a cibercultura? E ainda: é possível lançar mão da noção de socialização como *fato social total*, considerando a cultura das mídias não como um lugar, mas subsumida nas diferentes instâncias de socialização, portanto mais próxima do quase-sinônimo de sociedade?

Questões como essas talvez surjam em virtude da “necessidade da crítica,” como se refere Trivinho, sobretudo no campo da Comunicação. Diz ele:

a complacência que acede ao novo (...) sem a devida suspeição, da consciência deslumbrada que só enxerga possibilidades de ação mesmo em meio a novas formas de acirrada desigualdade, do ufanismo que promove a cegueira teórica e a ingenuidade política (...) em valor prioritário de existência (...) em relação às cibertecnologias, ao *cyberspace* e à cibercultura (2001, p. 212).

Assim, espelhado principalmente nos trabalhos de Paul Virilio, o autor desenvolve uma leitura crítica da cibercultura, na perspectiva de demolir as visões apologéticas em torno do assunto (TRIVINHO, 2001, p. 213). Aqui nos interessam mais de perto (para uma leitura mais aprofundada em outro momento) as suas noções de “dromoaptidão própria” e

de “elitização e formação da nova miséria técnica.” Estas categorias são aqui consideradas úteis para uma pesquisa empírica em ciberextensão.

Para Trivinho (2001), a dromoaptidão própria diz respeito à capacidade dos indivíduos de acompanhar a velocidade das mudanças ocorridas na sociedade contemporânea, a partir da aceleração e expansão das novas tecnologias. Faz alusão, entre outras mudanças, ao desenvolvimento de múltiplas experiências em curtos espaços de tempo, às migrações aceleradas dos capitais financeiros, à descartabilidade de modas e produtos (automóvel, computadores), à rotatividade dos empregos (p. 219). Para o autor, a dromoaptidão própria se configura a partir do que ele chama de “senhas infotécnicas de acesso” à cibercultura. Isto é, o domínio dos equipamentos e do capital cognitivo informático para acompanhar as constantes reciclagens estruturais das infotecnologias (p. 221-222). Como o capital econômico determina, em grande medida, diz ele, a dromoaptidão própria, é de se observar, pontua, sobretudo em sociedades como a nossa, altas taxas de “dromoinaptidão cibercultural” (p. 222). Ou seja, as pessoas não conseguem ultrapassar as ondas constantes, e cada vez mais altas, da aceleração tecnológica.

É interessante reter que, para o autor, esse tipo de exclusão social ou exclusão infotecnológica, é vista como de improvável solução. Ironiza sobre os argumentos em torno daqueles que veem o barateamento dos preços dos apetrechos infotecnológicos como uma possibilidade à inclusão digital. Aspecto que foge à lógica, segundo ele, da reciclagem dos produtos infotecnológicos (TRIVINHO, 2001, p. 222).

Na passagem em que trata da elitização e formação da nova miséria técnica, Trivinho (2001) faz alusão, mais explicitamente, à exclusão digital. Ao dizer que esta é a regra na cibercultura, e não o seu contrário. Refere-se a ela como uma hiperexclusão. Diz ele: “exclusão do mercado de trabalho, exclusão do lazer, exclusão do *cyberspace*, exclusão da época, exclusão da vida” (p. 225). Afirma, ainda, que mesmo aqueles indivíduos que são dromoaptos se situam no que ele chama de “estado permanente de exclusão iminente” (p. 226). Isso se dá, segundo o autor, em virtude da renovação constante da aparelhagem infotecnológica que determina o envelhecimento sistemático das aparelhagens precedentes (p. 226).

Essas observações conceituais abrem uma janela importante para se analisar os projetos de Extensão Rural que veem, direta ou indiretamente, as novas tecnologias de informação e comunicação como esteio importante para a promoção do desenvolvimento rural: mobilização social, criação de redes sociais, nacionais e internacionais, de gênero e de jovens, comércio justo ou economia solidária, divulgação de produtos agrícolas e não

agrícolas, educação informal e, mais recentemente, de disseminação dos preceitos da agroecologia, entre tantos outros aspectos que dependem, hoje, das tecnologias ciberculturais. Por outro lado, na medida em que a Extensão Rural se configura, na atualidade, na perspectiva do desenvolvimento local, o artigo *A condição transpolítica da cibercultura*, do mesmo autor, traz elementos igualmente importantes para serem incorporados à noção de desenvolvimento local, particularmente quando retoma a noção de capital social de Pierre Bourdieu (TRIVINHO, 2006, p. 93).

Se, na atualidade, as pesquisas em Extensão Rural trabalham as dimensões dos quatro capitais principais do desenvolvimento local – capital humano, capital social, capital natural e capital empresarial –, é de se incorporar, também, dependendo da perspectiva teórico-metodológica adotada, as noções que Trivinho desenvolve em torno do “capital infotecnológico” e “capital cognitivo,” ambos interdependentes. Esses capitais não se diferenciam das discussões apresentadas nos parágrafos precedentes. Apenas o autor se detém um pouco mais na sua elucidação. À união desses capitais, ele chama de “capital cibercultural completo” (2006, p. 93).

Nesse sentido, é de se perguntar sobre os processos de dromoaptidão no meio rural, principalmente entre os jovens (meu interesse atual de pesquisa), com vistas ao desenvolvimento local? Um veio de estudo assim adotado em ciberextensão, talvez nos revele algumas facetas da Extensão Rural que não são possíveis de ser observadas sem o apoio teórico-metodológico dos autores aqui analisados.

### **Considerações finais**

No campo da comunicação e da educação, na interface com a cibercultura, a análise realizada neste texto apontou para a necessidade de situar a Extensão Rural na instância da “socialização secundária”, como se referem Berger e Luckmann. Isto é, numa perspectiva de interdependência com as demais esferas de socialização das populações do meio rural: a escola, a associação, a cooperativa, o trabalho na agricultura familiar, os movimentos sociais, a economia solidária, a religião, o lazer. Um esforço analítico nessa direção abre possibilidades para compreender as populações rurais, consideradas públicos-alvo pelas organizações governamentais e não governamentais de Extensão Rural, como uma cultura de “*habitus* híbrido”, como propõe Setton. Pois os indivíduos transitam, cada vez mais, por diferentes instâncias de socialização, dado o avanço dos *media* no mundo contemporâneo.

No campo da ciberextensão, isto é, o da socialização secundária das populações rurais por meio das novas tecnologias de informação e comunicação, levadas pelas agências de Extensão Rural ou solicitadas pelas próprias comunidades rurais, foi sugerida a incorporação das noções dos capitais infotécnico e cognitivo, propostas por Trivinho. Aqui adaptadas para as categorias de análise *capital infotécnico em ciberextensão* e *capital cognitivo em ciberextensão*. A junção desses capitais para *capital em ciberextensão completo*.

A primeira categoria tem por objetivo analisar os processos de aquisição e acesso às novas tecnologias de informação e comunicação por parte das populações rurais, considerando as propostas de inclusão digital das agências de Extensão Rural; a segunda, para analisar o enfreteamento dessas populações face às constantes e aceleradas modificações das tecnológicas eletrônicas e informatizadas. Esses capitais, somados aos capitais humano, social, empresarial e natural, ampliam as possibilidades de análise da Extensão Rural para o desenvolvimento local dos contextos populares desfavorecidos.

## Referências

- ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. Educação a distância na internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem. *Educação e Pesquisa*. [online]. 2003, vol.29, n.2, p. 327-340.
- BELLONI, Maria Luiza. *O que é mídia-educação*. Campinas : Autores Associados, 2005: Da tecnologia à comunicação educacional; e Reflexões sobre a mídia.
- BERGER, Peter. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1983: A sociedade como realidade subjetiva.
- CABRAL, Romilson Marques. A condição pós-moderna e o mundo rural no contexto do sertão de Pernambuco. *Série Ensaio*, n. 1, Imprensa Universitária da UFRPE, Recife, 1996, p.50.
- CALLOU, Angelo Brás Fernandes (editor). Entrevistas, *Fractais*, n. 2, UFRPE, NTC-Recife, 1998.
- CALLOU, Angelo Brás Fernandes (org.). Comunicação rural e era tecnológica. *Fractais*, n.3, Recife, Imprensa Universitária UFRPE. 2000a.
- CALLOU, Angelo Brás Fernandes (org.). Comunicação rural e pós-modernidade. *Série Ensaio*, n.1, 1996, Recife, Imprensa UFRPE.
- CALLOU, Angelo Brás Fernandes (org.). Ecologia ano 2000, *Fractais*, n. 1, NTC-Recife, 1997. Recife, Imprensa UFRPE.
- CALLOU, Angelo Brás Fernandes. *Comunicação rural e educação na era das tecnologias do virtual*: proposição para um debate. V Congresso Latinoamericano de Ciencias de la Comunicación (Alaic). GT - Comunicación, Tecnología y Desarrollo Santiago do Chile, 24 a 29 de abril de 2000b.
- COSTA, Rogério da. *A cultura digital*. São Paulo: Publifolha, 2008.

- GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo : UNESP, 1991: Introdução; e As dimensões institucionais da modernidade.
- GRAZIANO DA SILVA, José. Por um novo programa agrário. *Reforma Agrária*, n. 2, vol. 23, maio/ago. 1993, ABRA, São Paulo.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo : Loyola, 1989.
- JAMESON, Fredric. Pós-modernidade e sociedade do consumo. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n.12, p.16-26, jun., 1985.
- MARCONDES FILHO, Ciro (coord.). *Pensar-pulsar: cultura comunicacional, tecnologias, velocidade*. São Paulo : Coleções NTC, 1997, 423 p.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUZA, Mauro Wilton de (Org.). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo : Brasiliense, 1995.
- MILLS, Wright. *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro : Zahar, 1964: A promessa.
- MODÉ, Giovanna; PRAZERES, Michelle. *Um mundo de mídia: diálogos sobre comunicação e participação*. São Paulo : Global, 2009: As muitas mídias, p.17-32.
- NEVES, Marinita Vasconcelos. *O palanque eletrônico do partido dos trabalhadores e as propostas para o meio rural: uma análise dos programas em rede nacional da propaganda eleitoral para presidente da república nas eleições de 1998*. 2000. Dissertação (Mestrado em Administração Rural e Comunicação Rural) - Universidade Federal Rural de Pernambuco.
- OROZCO GOMES, Guillermo. Podemos ser mais criativos ao adotar a inovação tecnológica em educação? Uma proposta em comunicação. *Matrizes*, n.1 out., 2007, p. 209-216.
- OROZCO GOMES, Guillermo. Professores e Meios de Comunicação: desafios e estereótipos. *Comunicação e Educação*. São Paulo: ECA/USP/Moderna, nº. 10, 1997.
- ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2006: Cultura e modernidade-mundo.
- PASSOS, Aída Lúcia Mello. *Comunitário: espaço simbólico de encontros e desencontros. (o caso Pintadas/BA)*. Dissertação de Mestrado em Comunicação Rural, Recife, UFRPE, 1998, 193 p.
- PRAZERES, Michelle. *Comunicação, educação e cibercultura: novos horizontes da formação humana na sociedade digital*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2010. Lâminas do Curso fornecidas pela autora aos alunos.
- SANTOS, Laymert Garcia dos. *Politizar as novas tecnologias: o impacto sócio-técnico da informação digital e genética*. São Paulo: Ed. 34, 2003.
- SETTON, Maria da Graça A socialização como fato social total: notas introdutórias sobre a teoria do *habitus*. *Revista Brasileira de Educação*, v. 14, n. 41, maio/ago., 2009.
- SETTON, Maria da Graça. *A noção de socialização na sociologia contemporânea: um ensaio teórico*. <http://migre.me/tjyu>.
- SETTON, Maria da Graça. *Educação e mídia: um diálogo para educadores*. São Paulo : Contexto, 2010: Mídias: uma nova matriz de cultura.
- SETTON, Maria da Graça. *Família, escola e mídia: um campo com novas configurações*. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5, Set. 2002.

SETTON, Maria da Graça. Trajetória acadêmica e pensamento sociológico: entrevista com Bernard Lahire. *Educação e Pesquisa*, maio-ago., v.30, n. 2, 2004, p. 315-321.

SOUZA, Paulo Ricardo de Paiva e. *Quando o Olho Vira Boca: análise das estratégias de comunicação rural e o protagonismo juvenil no projeto escola de vídeo da organização não governamental Auçuba. 2000*. Dissertação (Mestrado em Administração Rural e Comunicação Rural) - Universidade Federal Rural de Pernambuco.

SPENILLO, Giuseppa Maria Daniel. *Lazer e comunicação na era da informática: interpessoalidade ou automatismo? Um estudo de caso entre os reassentados do projeto Brígida. 1998a*. Dissertação (Mestrado em Administração Rural e Comunicação Rural) - Universidade Federal Rural de Pernambuco.

SPENILLO, Giuseppa. *O rural frente à informatização do cotidiano: comunicação, interpessoalidade e lazer no projeto Brígida (Orocó - PE)*. Trabalho apresentado no GT - Comunicação Rural do XXI Congresso INTERCOM, Recife, 1998b.

TRIVINHO, Eugenio. *A dromocracia cibercultural: lógica da vida humana na civilização mediática contemporânea*. São Paulo : Paulus: 2007: Condição transpolítica da cibercultura.

TRIVINHO, Eugenio. *O mal estar da teoria: a condição da crítica na sociedade tecnológica atual*. Rio de Janeiro : Quartet, 2001: Lógica da cibercultura.